

ESTUDOS CULTURAIS: DESCRIÇÃO DE UM CONCEITO E CRÍTICA DE SUA PRÁTICA

Roberto Acízelo de Souza

RESUMO: A expressão “estudos culturais” tem o seu uso generalizado a partir de em torno da década de 1990. Originária do mundo acadêmico anglófono, hoje se desdobra em duas vertentes principais: a britânica, concentrada no estudo das diferenças sociais produzidas pela estratificação social contemporânea, e a norte-americana, interessada sobretudo na heterogeneidade cultural decorrente das distinções entre gêneros e etnias. Na sua defesa da interdisciplinaridade e da “correção política”, em geral polemiza com os estudos literários, em que enxerga um baluarte do cânone e da competência disciplinarmente especializada.

PALAVRAS CHAVE: cânone; multiculturalismo; identidade; valor; estudos literários.

A expressão “estudos culturais” tornou-se amplamente empregada a partir da década de 1990, ao que parece em função do prestígio do Centre for Contemporary Cultural Studies, da Universidade de Birmingham, fundado por Richard Hoggart em 1964. Menos ou mais do que uma disciplina — voltaremos a essa questão adiante —, é possível apontar algumas fontes e estímulos para a sua constituição.

Em primeiro lugar, deve-se referir sua matriz mais direta e geralmente mais reconhecida: as obras de Richard Hoggart (em particular, *The uses of literacy*, de 1957), Raymond Williams (especialmente, *Culture and society*, de 1958) e Edward Palmer Thompson (*The making of the English working class*, de 1963), interessadas na recuperação e análise de uma cultura popular operária, até então desprezada pelos estudos literários, tradicionalmente concentrados no que se costuma considerar “alta literatura” (cf. CULLER, 1999, 50; COMPAGNON, 1999 [1998], 220). Outra matriz se configura na chamada escola de Frankfurt — integrada por Walter Benjamin, Max Horkheimer, Hebert Marcuse, Theodor Adorno,

Jürgen Habermas, e atuante sobretudo através do Instituto de Pesquisas Sociais (fundado naquela cidade alemã em 1924) —, que, com suas investigações sobre a cultura de massa e a proposição do conceito de indústria cultural, termo empregado pela primeira vez por Adorno e Horkheimer em 1947, se constituiu em importante estímulo para os estudos culturais. Uma terceira fonte encontra-se na obra de Antonio Gramsci, produzida paralelamente à fase inicial dos pensadores frankfurtianos, e que apresenta uma série de sugestões caras aos estudos culturais: não só o interesse por aspectos da cultura popular, mas principalmente o empenho no sentido de compatibilizar “ação” e “teoria”, o que resulta numa concepção de *práxis* intelectual como inserção orgânica na cultura. Certas contribuições do estruturalismo francês também devem ser lembradas, especialmente as microanálises empreendidas por Roland Barthes acerca de aspectos da cultura contemporânea — espetáculos, publicidade, alimentação, produtos industriais, vida cotidiana —, escritas entre 1954 e 1956, e mais tarde reunidas no volume *Mythologies*, de 1957 (cf. CULLER, 1999, 49), prática analítica posteriormente objeto de elaboração teórica nos seus *Eléments de sémiologie* (1964), com o objetivo de empregar o modelo lingüístico saussuriano para uma crítica ideológica de uma série de “sistemas” considerados como linguagens: o vestuário, a alimentação, o automóvel, o mobiliário, o cinema, a televisão, a publicidade, a imprensa. Por fim, mencionemos uma quinta e última fonte para os estudos culturais, aquela identificada com ramificações do pensamento dito pós-estruturalista, datáveis dos anos 70 e 80 do século passado, especialmente as seguintes: as análises das microestruturas de poder e a “desnaturalização” ou historicização de fenômenos tidos como a-históricos — como a loucura e a sexualidade —, devidas a Michel Foucault; a crítica ao logo-fono-etnocentrismo e a idéia de “desconstrução”, vinculadas ao nome de Jacques Derrida.

Configurados, como dissemos, na década passada, tendo no Reino Unido e nos Estados Unidos seus lugares de eleição, os estudos culturais hoje, se for possível apreender num esquema sumário produção tão variada, apresentam dois matizes básicos, correspondentes ao modo como vêm sendo concebidos e praticados naqueles países: sua versão britânica, atenta às próprias origens, se concentra em diferenças culturais produzidas pela estratificação social contemporânea, ao passo que a vertente norte-americana, mais eclética, se interessa pela heterogeneidade cultural decorrente sobretudo das distinções entre gêneros e etnias.

Tendo em vista as várias fontes e estímulos que confluíram nos estudos culturais, logo se compreende seu ânimo polêmico e contestador, sua vocação menos para investigações teóricas e analíticas do que para intervenções no processo cultural. Nesse sentido, tornou-se emblemática sua determinação de atacar o chamado *cânone*, isto é, o conjunto das obras consideradas clássicas, tanto no plano das diversas literaturas nacionais quanto no nível de uma tradição literária ocidental. Assim, a agenda culturalista denuncia a arbitrariedade e o caráter contingente dos critérios que presidiram à constituição dos cânones, assinalando sua feição elitista e homogeneizante, e a partir daí passa a reivindicar posições de relevo para a produção de segmentos tidos como marginalizados ou subalternos, como aqueles constituídos por mulheres e por representantes de etnias política e socialmente minoritárias.

Diretamente ligada ao problema do cânone, surge a idéia de *multiculturalismo*, especialmente forte no espaço universitário norte-americano, a qual, contra a pressuposição de unidade sociocultural nas várias sociedades nacionais, insiste na diversidade das forças em interação nos processos sociais e culturais de cada país, concentrando-se nos impactos determinados pelos fluxos migratórios contemporâneos, propondo então conceitos como *migração*, *diáspora*, *fronteira*, *desterritorialização*, *nomadismo*, *hibridismo*, considerados noções-chave para a compreensão do dinamismo cultural do nosso tempo.

Aos já referidos núcleos temáticos dos estudos culturais — cânone e multiculturalismo — deve-se acrescentar um terceiro, diretamente com eles correlacionado, a questão da *identidade*, noção da qual se tenta afastar qualquer aderência essencialista, a fim de tratá-la como construção referenciada à cultura, e que suscita as noções de *unomúltiplo*, *semelhança/diferença*, *mesmo/outro*.

Tratemos agora do problema relativo ao *status* disciplinar dos estudos culturais. De saída, deve-se ter em conta que seus praticantes, no ânimo de contestação a que nos referimos, recusam a tradicional divisão do conhecimento em disciplinas especializadas. Assim, argumentam que, sendo a fragmentação do saber uma construção contingente e arbitrária — de resto, como todos os aspectos da cultura —, ela serve tão-somente a propósitos ideológicos de tomada e conservação do poder, que no caso se apresenta camuflado sob a forma aparentemente neutra de competências legitimadas *inter pares*. Conseqüência desse pressuposto é a recomenda-

ção de que sejam desconsiderados os limites entre os saberes especializados, de modo que os estudos culturais então se constituam como instância pluri-, inter-, multi- ou transdisciplinar. Essa é uma das razões por que os estudos culturais se indispuseram com os estudos literários, fazendo-lhes severas restrições por sua suposta ultra-especialização, caracterizada pelo interesse exclusivo na literatura, indevidamente concebida, segundo a crítica culturalista, como esfera apartada de outros produtos e atividades culturais. Desse modo, a história da literatura e a teoria da literatura se viram condenadas pelo fato de observarem fronteiras disciplinares (e ainda por reconhecerem hierarquias e valores, ou, numa palavra, por acatarem o cânone), ao passo que outras vertentes dos estudos literários — caso da literatura comparada, bem como de correntes como a teoria feminista, a teoria pós-colonial, o discurso das minorias, a teoria *queer* e os *gay/lesbian studies* —, por sua receptividade aos estudos culturais, determinada quer por vocação interdisciplinar, quer por interesse em agentes marginalizados ou tidos como subalternos, foram considerados exceções, e por isso acolhidos como aliados.¹

Passemos a seguir, para finalizar, às restrições teóricas feitas aos estudos culturais, que, por sua índole essencialmente combativa e reivindicatória, vêm acumulando desafeições, como aliás era de esperar-se. Vejamos então as principais críticas que têm sofrido, formuladas sobretudo a partir da perspectiva dos estudos literários.

A primeira vulnerabilidade conceitual do culturalismo seria sua própria idéia central, a noção de cultura, considerada vaga e frouxa, por sua abrangência excessiva. Essa inconsistência estaria, por sua vez, diretamente associada a uma outra, a incapacidade para considerar a questão do valor em suas análises. Assim, os estudos culturais, não dispondo de conceitos aptos para levar em conta a existência concreta de valores na organização da cultura, operariam uma espécie de racionalização, manobra que lhes permitiria transmutar fraqueza teórica em militância ético-política, em profissão de fé contra todas as hierarquias. O lema “tudo é cultura”, então, inviabilizaria o exercício crítico — no sentido de aferição de valores estéticos —, conduzindo ao paradoxo de um relativismo absolutizado.

Esse alheamento em relação aos valores, por seu turno, resultaria em certo pouco caso com relação à espessura da linguagem nos diversos produtos culturais, o que seria particularmente desastroso quando se trata de analisar sistemas complexos, como, por exemplo, a literatura. A

ênfase na contextualização, resposta dos estudos culturais contra a fixação no texto própria dos estudos literários, implicaria assim leituras das obras literárias como sintoma ou transparência referencial, o que contradiz um princípio básico do próprio culturalismo: a advertência para o caráter de construção inerente aos bens culturais, isto é, sua “ontologia textual”.

Outro aspecto criticável seria a resistência dos estudos culturais à ordenação do saber por disciplinas. Desse modo, longe de constituir-se em maior potência compreensiva e explicativa, o suposto caráter de hiper-, super- ou pós-disciplina, ou a assunção de uma perspectiva pretensamente pluri-, inter-, multi- ou transdisciplinar, favoreceria o ecletismo, o amadorismo, enfim, uma espécie de irresponsabilidade epistemológica, indutora de passeios alegres e ligeiros pela filosofia, sociologia, ciência política, psicanálise, história, antropologia e por aí fora.²

Finalmente, os estudos culturais tornaram-se alvo de objeções políticas, articuladas em dois níveis. No plano acadêmico, considerando as posições de relevo que vêm assumindo em diversas instituições — controle de departamentos e programas de pós-graduação, bem como hegemonia em associações profissionais —, sobretudo nos Estados Unidos, estariam usufruindo das vantagens decorrentes da assunção do poder, incorrendo portanto nos desvios cuja denúncia e correção pareciam a sua razão de ser. No plano das relações internacionais, o culturalismo, tendo em vista sua rápida e agressiva disseminação mundial, não obstante tratar-se de um fenômeno particular, específico do ambiente universitário anglo-norte-americano, participaria da lógica da globalização, entendida não como integração simétrica das sociedades nacionais, mas como anexação das mais fracas pela mais forte.

Para concluir, uma última restrição que nos parece pertinente fazer aos estudos culturais, não diretamente aos próprios, mas ao “politicamente correto”, máxima que, se não for de sua lavra, certamente neles encontrou um arauto dos mais eficazes. É que a fórmula, combinando estranhamente relativismo cultural com absolutismo ético, e mais maniqueísmo e gravidade puritana, resulta numa espécie de angelismo sem sal, atitude inteiramente incapacitada para o reconhecimento de matizes e contradições nas questões sociais e políticas. Assim, embora se pretenda alinhada à esquerda, no fundo exalta liberdades individuais que se afirmam às custas de projetos coletivos; trata-se portanto da mais perfeita tradução de uma sociedade profundamente identificada com o

neoliberalismo, cujos assomos justiceiros mal disfarçam interesses bem precisos e localizados, que, contudo, se fazem passar por universais.

ABSTRACT: The expression "cultural studies" has its use generalized since about the 1990s. Having its origin in English language academic world, nowadays it is spread in two principal directions: the British, concentrated on the study of social differences produced by contemporary social stratification, and the American one, mainly interested in cultural heterogeneity due to distinctions among genders and ethnicities. In its defense of interdisciplinarity and of "political correction", the cultural studies generally take position against the literary studies, for it sees the latter as a support of the canon and of specialized competence.

KEY-WORDS: canon; multiculturalism; identity; value; literary studies.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATLAS, James. A batalha dos livros. *Diálogo*. Rio de Janeiro, 3(22): 22-29, 1989.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1971 [1964].
- . *Mitologias*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972 [1957].
- BENJAMIN, Walter et alii. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- BERCHEN, Theodor. A missão da universidade na formação e no desenvolvimento culturais: a diversidade dentro da universidade. *Cadernos Plurais*; Série Universidade. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 5: 7-29, 1990.
- BERNHEIMER, Charles, ed. *Comparative literature in the age of multiculturalism*. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1995.
- BOSI, Alfredo. Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão em história literária. In: —. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 7-53.
- . Os estudos literários na era dos extremos. In: —. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 248-256.
- BROOKS, Cleanth. Em defesa do cânon. *Diálogo*. Rio de Janeiro, 3(25): 28-33, 1992.
- COUTINHO, Eduardo F. Os discursos sobre a literatura e sua contextualização. In: —, org. *Fronteiras imaginadas*; cultura nacional/teoria internacional. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 287-298.

- CEVASCO, Maria Elisa. Placing ideas: tasks of a reader on the periphery of capitalism. *Crop*; revista da Área de Língua e Literaturas Inglesa e Norte-Americana da Universidade de São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2: 17-26, jun. 1995.
- . A recepção dos *cultural studies* no Brasil. *Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis: Vozes, 2: 69-79, mar.-abr. 1997.
- . *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária*; uma introdução. São Paulo: Beca, 1999.
- DURING, Simon, ed. *The cultural studies reader*. London/New York: Routledge, 1993.
- EASTHOPE, Anthony. The future of literary studies. In: LIMITES; 3º Congresso Abralic – anais. São Paulo: Edusp; Niterói: Abralic, 1992. V. 1. p. 161-166.
- HOISEL, Evelina. Os discursos sobre a literatura: algumas questões contemporâneas. In: COUTINHO, F. Eduardo, org. *Fronteiras imaginadas*; cultura nacional/teoria internacional. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 73-82.
- HOOKE, Sidney. Em defesa dos clássicos. *Diálogo*. Rio de Janeiro, 3(22): 30-34, 1989.
- ISER, Wolfgang. A dupla face do discurso humanista e o futuro das humanidades. In: CASPER, Gerhard & ISER, Wolfgang. *Futuro da universidade*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 55-110.
- JITRIK, Noé. Estudios culturales/estudios literarios. In: PEREIRA, Maria Antonieta & REIS, Eliana Lourenço de L., org. *Literatura e estudos culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000. p. 29-41.
- MOJICA, Sarah de. El debate internacional sobre los estudios culturales: Hans Ulrich Gumbrecht y Arcadio Díaz Quiñones. *Cuadernos de literatura*. [Bogotá]: Pontificia Universidad Javeriana, III (6): 134-152, jul.-dic. 1997.
- REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís, org. *Palavras da crítica*; tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92.
- PALERMO, Zulma. Estudios culturales y epistemologías fronterizas em debate. In: COUTINHO, F. Eduardo, org. *Fronteiras imaginadas*; cultura nacional/teoria internacional. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 169-181.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A modernidade em ruínas. In: —. *Altas literaturas*; escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 174-215.
- RIBEIRO, António Sousa. *Cultural studies/Kulturwissenschaften/Estudos culturais*. In: COUTINHO, F. Eduardo, org. *Fronteiras imaginadas*; cultura nacional/teoria internacional. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. p. 253-271.
- SAN JUAN, E., Jr. *Hegemony and strategies of transgression*; essays in cultural studies and comparative literature. Albany: State University of New York Press, 1995.

- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult.* Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002.
- VIEIRA, Else R. P. Estudos literários e estudos culturais: territórios dos caminhos que convergem. In: PEREIRA, Maria Antonieta & REIS, Eliana Lourenço de L., org. *Literatura e estudos culturais.* Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000. p. 9-26.
- WILLIAMS, Raymond. *Culture and society; 1780-1950.* New York: Columbia University Press. 1983 [1958].

NOTAS

- ¹ Sobre a relação dos estudos culturais com os estudos literários é possível identificarem-se pelo menos três correntes de opinião. Segundo uma delas, os primeiros devem simplesmente substituir os segundos: "A razão negativa para movermos-nos em direção ao paradigma dos estudos culturais é que temos de concluir, acerca do modelo dos velhos estudos literários, que este constitui um paradigma morto" (EASTHOPE, 1992, 166; tradução nossa). Conforme outro pensamento, os estudos literários não só permanecem vivos, mas ainda devem ser resguardados na sua especificidade: "Não se trata, aqui, de negar a oportunidade dos 'estudos culturais'. Trata-se de defender um espaço para os estudos especificamente literários" (PERRONE-MOISÉS, 1997, 86). Uma terceira opinião, por sua vez, postula que as duas áreas podem conviver de modo equilibrado, com benefícios mútuos: "Em princípio, [...] não há necessidade de [...] conflito entre os estudos culturais e os literários. Os estudos culturais surgiram como a aplicação de técnicas de análise literária a outros materiais culturais. Tratam os artefatos culturais como 'textos' a ser lidos e não como objetos que estão ali para serem contados. [...] os estudos literários podem ganhar quando a literatura é estudada como uma prática cultural específica e as obras são relacionadas a outros discursos" (CULLER, 1999, 52).
- ² Em geral, as idéias de inter-, multi-, pluri- ou transdisciplinaridade não têm sido objeto de caracterizações rigorosas. Uma exceção encontramos na seguinte passagem, que apresenta ainda o mérito de chamar a atenção para a importância da, digamos assim, "disciplinaridade", condição lógica de qualquer aproximação entre disciplinas que se pretenda fazer: "Interdisciplinaridade quer dizer [...] em primeiro lugar, capacidade de diálogo entre cientistas, os eruditos provenientes de horizontes diversos, trabalhando sobre um tema comum, através da metodologia específica de sua matéria. É esta faculdade de compreender os outros e, por esse viés, de se questionar, que é determinante. Para fazer isto, a condição *sine qua non* é possuir um conhecimento profundo e sólido de sua própria disciplina. Seria muito mais apropriado, aliás, falar em transdisciplinaridade, em lugar de interdisciplinaridade, uma vez que nos referimos à faculdade de pensar *além* de sua própria disciplina" (BERCHEN, 1990, 21-22).